

*Tu és a história que narraste, não
O simples narrador.*

(CDA, A paixão medida)

1. Introdução: primeiras andanças

Esta dissertação é sobre Carlos Drummond de Andrade, como se lê no título da capa. Essa afirmação direta não deixa transparecer, no entanto, o desafio que é escrever sobre um autor extremamente presente em trabalhos acadêmicos e em publicações de diversas editoras. A inquietação de uma escrita sobre um autor cuja dimensão crítica parece ser superior à própria produção literária do poeta é inevitável, pelo menos, inicialmente. Essa sensação me levou a desejar não me render, tanto quanto possível, às interpretações precedentes e certamente mais substanciais. A despeito desse panorama, capaz de possibilitar a sensação de engessamento, busquei um ponto a partir do qual pudesse sentir certo frescor de novidade e, com isso, minimizar questionamentos aflitos acerca da relevância de mais um trabalho sobre Drummond.

Esta dissertação centrou-se na investigação de uma obra drummondiana: o inusitado livro publicado em 1967, intitulado *Uma pedra no meio do caminho: biografia de um poema*. A minha preocupação direcionou-se para a abordagem da própria configuração dessa obra, a partir de um rearranjo do poeta ao reunir as críticas dirigidas a um poema de sua autoria. Trata-se, evidentemente, do poema “No meio do caminho” (1928), o qual protagonizou o surgimento de críticas extremamente combativas em relação à inovação proposta por ele, e criou a oportunidade de uma comunhão de sensibilidades em relação às novas concepções literárias passíveis de serem observadas entre os modernistas. Ao mesmo tempo, o conjunto de críticas ao poema sintetizadas no livro ofereceu dados sobre a própria biografia do poeta, centrada, sobretudo, na importância que a publicação do poema “No meio do caminho” alcançou tanto para o poeta, quanto para o público leitor de seus poemas. A biografia da pedra apresenta uma história de recepção entre os anos de 1924 a 1967, quando o referido livro foi publicado,

particularizando uma atmosfera recepcional de pelo menos quarenta anos. Dessa forma, centramos todo o interesse nesse poema de Drummond, e também na importância que despertou no meio do caminho literário, e ainda, no horizonte de expectativas da recepção do poema entre os anos de 1928 e 1967. O motivo da escolha não é outro senão a possibilidade de tratar algo que considero *interessante*. Toda a tônica desta dissertação é regida por esse adjetivo.

As reflexões que sustentam este trabalho se baseiam na experiência vivenciada por mim ao analisar partes do arquivo do poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade, cuja guarda pertence ao Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB) da Fundação Casa de Rui Barbosa. Os caminhos trilhados nas etapas do meu processo como aluna de pós-graduação da PUC-Rio se iniciaram, na verdade, ainda durante a graduação nesta mesma instituição. Foi a partir de uma disciplina de teoria da literatura, dedicada a questões atuais da historiografia literária, ministrada pela professora Heidrun Krieger Olinto, que comecei a me aventurar pelos estudos desenvolvidos no mestrado, desde 2009.

Nessa disciplina foram se moldando minhas afinidades com teorias preocupadas com a recepção de obras literárias ao longo da história. Foi, nesse momento que tive o primeiro contato substancial com a Teoria da Estética da Recepção, a partir do livro manifesto de Hans Robert Jauss intitulado *História da literatura como provocação à teoria literária* (Jauss, 1994).

Considero minha trajetória acadêmica cercada por felizes descobertas e acasos. Uma dessas descobertas casuais ocorreu na busca por um tema que me permitisse discutir a teoria da estética recepcional numa perspectiva aplicada (ideia, confesso, ingênua), na monografia a ser apresentada para a referida disciplina. Numa nota de rodapé de uma coletânea de Carlos Drummond de Andrade, uma observação sobre um de seus poemas me despertou uma enorme curiosidade. Tratava-se de uma informação surpreendente a respeito do poema que se tornaria um símbolo emblemático da nossa literatura modernista, isto é, o poema da *pedra no meio do caminho*:

Este poema causou grandes escândalos e muita divergência quando publicado e, mesmo depois, a tal ponto que o próprio Drummond organizou, em 1968¹, uma antologia, *Uma Pedra no Meio do Caminho — Biografia de*

¹ Na realidade a referida antologia foi publicada no ano de 1967.

um Poema, onde reuniu tudo o que se publicou a respeito, ou se fez, parodiando seus versos. (Andrade, 1988, p. 45)

Comecei a pensar, então, que seria possível, e acreditava fortemente que seria razoável, escrever uma monografia de final de curso alinhando pressupostos da teoria da estética da recepção com a *Biografia do poema*, organizada pelo próprio Drummond. Logo percebi que tal empreitada exigiria mais tempo e pesquisa do que dispunha naquele momento. Uma dificuldade adicional foi a procura pelo referido volume, porque o mesmo tinha sido publicado uma única vez, em 1967², como uma espécie de ato comemorativo dos 40 anos desde a primeira publicação do poema “No meio do caminho”, em 1928, na *Revista de Antropofagia*.

Abandonei a ideia de trabalhar apenas com o repertório teórico da estética da recepção por motivos que depois se fariam evidentes durante meu amadurecimento acadêmico. Os princípios postulados por Jauss representaram um importante passo na chamada mudança paradigmática nos estudos literários, ocorrida no final da década de 1960, mas preciso reconhecer a parcialidade do potencial explicativo do método em relação a fenômenos cujo entendimento ultrapassa a mera análise de sua recepção. O valor de suas propostas foi muito debatido, assim como suas limitações para uma explicação do fenômeno literário entendido como processo comunicativo com ênfase sobre a recepção. Neste sentido, torna-se claro para mim o limite do modelo jaussiano para o entendimento de um livro como a *Biografia do poema*, porque o empreendimento de Drummond envolve outras questões que ultrapassam os motivos relacionados à primeira publicação do poema, como a própria estrutura do livro que pode ser interpretada como um experimento historiográfico, já que reflete sobre um importante momento da história da literatura. O livro exigiu a busca por ferramentas teóricas capazes de enxergar sua complexidade, somando a ela uma perspectiva mais abrangente. Desse modo, Hans Ulrich Gumbrecht foi um aporte teórico importante para o entendimento dos aspectos historiográficos da biografia do poema. Em suma, são essas as motivações que me levaram ao tema tratado por esta dissertação.

² O Instituto Moreira Salles, em edição comemorativa, relançou o livro *Uma pedra no meio do caminho: biografia de um poema* (2010) em edição ampliada por Eucanaã Ferraz.

Embora tenha se tornado especialmente necessário me debruçar sobre a intrigante configuração da obra em questão, outros questionamentos foram se agregando e tomando considerável importância. Drummond tinha extrema consciência do quanto valia como poeta e, ao contrário da exacerbação de sua timidez e de seu recato em esfera pública, forçada e emblematicamente sintetizada nos versos “Vai Carlos, ser gauche na vida”, os ensaios públicos de caráter autobiográfico tornam-se expressivos e se sobressaem quando analisamos os gestos implicados na publicação desse verdadeiro documentário escrito da considerável história da fortuna crítica de *um* poema.

A busca por uma resposta que corroborasse essa afirmação veio por meio da observação de seu arquivo pessoal guardado no AMLB da Fundação Casa de Rui Barbosa. Esse trabalho envolveu, desse modo, a observação de uma complexa rede surgida em torno do nome de Carlos Drummond de Andrade, e da maneira com que ele montou, de modo igualmente complexo, os seus arquivos. A quantidade expressiva de guardados no acervo do poeta é a chave para entender que a publicação desse poema tornou-se um marco na carreira de Drummond. Além disso, tal arquivamento revela o modo como o poeta tratou de registrar essa publicação na sua história pessoal e, conseqüentemente, na própria história da literatura brasileira.

O caminho exigiu, naturalmente, como ocorre em qualquer trabalho submerso num volume impressionante de dados, um rigoroso recorte, sob pena de cair na completa dispersão. Como se verá, o assunto tratado neste trabalho gira em torno de temas que se relacionam com a escrita drummondiana, e com a figura singular que o próprio poeta construiu para si.

Diante da quantidade expressiva de documentos a serem analisados, ou pelo menos, dos que, ele supostamente acreditava ter relação com o tema, foi necessário pensar em critérios relacionados à escolha dos arquivos pertinentes a esta dissertação. Selecionei-os, a partir da leitura dos resumos a respeito de cada documento presente no *Inventário Carlos Drummond de Andrade* (2002), publicado pela Fundação Casa de Rui Barbosa, e optei por aqueles que estabeleciam relação com o livro de estreia de Carlos Drummond de Andrade – *Alguma poesia* (1930). Muitos dos resumos no *Inventário* do poeta faziam

referências a esse poema. Esses arquivos, desse modo, tornaram-se potencialmente importantes.

Além disso, foram selecionadas cartas cujo conteúdo relacionava-se com o poema. Por último, foram escolhidas algumas das cartas nas quais os conteúdos se referiam, alguns de maneira jocosa, ao hábito de colecionador de arquivos de Carlos Drummond. Fora esses, também foram consultados arquivos que me geraram curiosidade, como remessas de jornais para Drummond; pedido de informações de listas de escritores, assuntos e dados pessoais de outros intelectuais; comentários sobre o primeiro livro do poeta já referenciado; pedidos de traduções de poemas; pedidos de esclarecimentos sobre os pseudônimos utilizados por Drummond e, surpreendentemente, por outros escritores, ao poema “No meio do caminho”; envio de artigos sobre o livro *Alguma Poesia*; questionários para entrevistas que foram concedidas, entre outros.

A impressão que tal aproximação deixou, percebida pela postura adotada por Drummond durante toda uma vida pública e pelos indícios presentes no arquivo pessoal do poeta e em entrevistas, gerou a convicção de que os resultados apresentados nesta dissertação são fruto das perguntas levantadas a todo o material pesquisado ao longo do trabalho. São elas, que antes de qualquer coisa orientaram as decisões teóricas tomadas aqui. A postura que me orienta alinha-se, dessa forma, à afirmação de Eric Hobsbawn:

Não podemos ser positivistas, acreditando que as perguntas e as respostas surgem naturalmente do estudo do material. Em geral, não existe material algum até que nossas perguntas o tenham revelado. (Hobsbawn, 1998, p. 220)

As perguntas que fiz a esse material me levaram a perceber a forma com que Drummond tratava o presente: como se este já estivesse revestido de sentido histórico. Neste sentido, nota-se o quanto a poesia de Drummond mantém interação fecunda entre a ficção e os fatos relacionados à história, a partir de um procedimento memorialístico acionado pelo poeta como forma de fixar essas histórias contadas nas cartas e de substancializar a parte ficcional por meio desses dados, fazendo-os interagir.

As análises cuja perspectiva é circundada por interesses ancorados em fontes primárias têm se tornado cada vez mais frequentes, auxiliando no desvendamento de importantes pontos. Quando iniciei a presente pesquisa, era curioso observar que, quando eu tentava dialogar com o exemplar foco desta pesquisa, poucos eram os meus interlocutores. Fui cercando-me, cada vez mais, de textos, matérias de jornais, cartas e referências ao poema que passei a me sentir afetada por esses materiais e inteiramente envolvida pela atmosfera de humor salientada pelas evidências com as quais tive contato. O arquivo, desse modo, foi responsável pela compreensão de outros aspectos envolvidos na concepção, junção e organização deste exemplar por seu autor.

O estudo do poema biografado por Drummond a partir do conjunto de críticas colecionadas e eternizadas no arranjo que ele concebeu, como biógrafo do próprio poema, contribuiu para uma proposta renovadora sobre aspectos ainda não detidamente contemplados por críticos do poeta. A proposta quer afirmar certo entusiasmo drummondiano, e orgulho ao mesmo tempo, pela revitalização e retomada de discussões acerca de temas dicotômicos como tradição e vanguarda, já que na época da publicação do poema o espaço literário dividia-se entre, de um lado, os mais tradicionais, e, de outro, as novas propostas modernistas, que não eram amplamente aceitas. O poema da pedra enquadrava-se nesta segunda opção, obviamente.

Ainda que Drummond demonstre certa irritação com os muitos escárnios e zombarias sofridos, a dissertação tratará de salientar outro aspecto, em geral não assumido por Drummond. A partir do seu desejo pela memória e extremo apreço pelo arquivo é razoável argumentar que há certa pretensão implícita no gesto de catalogação e montagem do exemplar. É pela condição ambígua de tímido que Drummond protege seu interesse e orgulho pelas discussões promovidas pelo poema, já que o livro funciona como uma vitrine, mostrando o quanto o poema é inovador e singular.

Como as cartas e as entrevistas do poeta, assim como os textos jornalísticos assinados pelo próprio, serviram de base para a dissertação, um dos questionamentos iniciais auto-impostos levou em consideração a necessidade de conferir certa desconfiança em relação à voz de Carlos Drummond nesses textos. Isso porque à medida que lia esses documentos, aflorava em mim a sensação de

suspeita em relação ao que dizia e ao que pretendia mostrar. Aos poucos fui percebendo o quanto ia sobressaindo não a timidez, mas o desejo de reiterar o assunto, multiplicando o impacto causado. Na verdade, esse direcionamento inicial foi orientado pelos muitos textos acerca do assunto guardados pelo poeta, condição que por si só demandava cuidado.

O excesso de textos auxiliou a postura de colocar a voz de Drummond sob desconfiança, pois há, pelo menos, uma situação interpretativa causadora de certa contradição: como ele reconheceu sua “chateação” em relação às críticas recebidas pelo poema e aos “ataques”, o mais natural seria desejar menos exposição, e não a reiteração excessiva do caso. Por isso, talvez seja plausível pensar na possibilidade de o poeta ter sido, como ele afirma várias vezes em passagens abordadas por este trabalho investigativo, afetado duplamente pelo caso. Primeiro, pelo incômodo e pelos insultos sofridos, os quais marcaram sua vida pública. Segundo, pelo orgulho de ter sido, talvez, um dos mais debatidos modernistas brasileiros. Como exemplo, o trecho da entrevista abaixo é esclarecedor:

Moraes Neto: — O poema que fala na “pedra no meio do caminho” já vai fazer sessenta anos de publicação (1927-1987)

Drummond (cortando): Não vale a pena lembrar não. Não é um acontecimento. A idade de um poema – ainda mais de um poema como esse, tão discutido, tão xingado – não creio que mereça comemoração nenhuma. (Moraes Neto, 1994, p. 55)

Nesse trecho, o poeta já na fase da “madureza”, ressalta a pouca importância dada ao poema, embora precise responder perguntas sobre o mesmo em uma das últimas entrevistas que concedeu. A interrupção do poeta não permitindo a conclusão da pergunta do entrevistador poderia demonstrar enfado se não revelasse, em outros momentos, a significativa importância que deu ao fato.

Ao analisar a configuração do livro, esta dissertação propõe uma interpretação que o classifica como um experimento metacrítico, pois seu conteúdo configura-se como uma crítica à crítica sofrida, já que fez com que os ataques retornassem ao meio que os produziu. Ao mesmo tempo, o poeta

ridiculariza críticos que levaram a sério a repetição “monótona” do poema concebido como uma “brincadeira”, como afirmou Drummond.

Para analisar o material tema desta dissertação, utilizei a teoria da estética da recepção, proposta pelo teórico Hans Robert Jauss. Esse caminho é o mais evidente, pois Jauss, ao elaborar uma teoria da estética recepcional, levou em conta os juízos que determinado grupo faz a respeito de uma obra. Ao construir um solo para a entrada do leitor como mecanismo capaz de agregar o conhecimento estético e histórico, Jauss precisa deixar explicitado que se trata de um leitor socializado. Essa teoria auxiliou no entendimento da obra drummondiana tratada nesta dissertação. Não me limitei a ela, pois julguei necessário analisar a biografia do poema da pedra como um processo metacrítico e historiográfico.

Nesse jogo, torna-se particularmente importante, como salientado, a configuração da obra. Da teoria da estética recepcional, foi-me importante o conceito de horizonte de expectativas, por seu auxílio na análise de algumas das críticas presentes no livro, e da atmosfera intelectual e artística do momento em que o poema surgiu e foi publicado. Foi por acreditar no seu potencial explicativo para a obra em questão que me aproximei do método jaussiano, já que ele é capaz de explicar as razões pelas quais o poema dividiu as opiniões ao mesmo tempo em que rompia com o horizonte de expectativas da época.

Por se configurar como uma escrita historiográfica experimental, o projeto proposto por Hans Ulrich Gumbrecht a partir do livro *Em 1926: vivendo no limite do tempo* (Gumbrecht, 1999) foi outro aporte teórico importante nesta dissertação. A aproximação do arquivo drummondiano, dentro dessa perspectiva experimental e híbrida, apostou em uma possível vivência sensual desse arquivo, a partir das afetações causadas por ele em meus sentidos. A justificativa para a utilização da história experimental de Gumbrecht se dá pelo uso que faço de seu conceito de presentificação: o conjunto de críticas catalogadas por Drummond se presentificam pelo humor, como se verá a partir de exemplos retirados da biografia da pedra.

Em resumo, o primeiro capítulo desta dissertação tentará cumprir um papel introdutório, ressaltando o tom geral abordado por este trabalho. O segundo

capítulo, como “esboço para uma história experimental”, considera a inscrição de Drummond no próprio arquivo e as marcas e impressões deixadas pela história biografada do poema por seu próprio idealizador, assim como pela inovação conquistada no horizonte de seu surgimento. O terceiro e último capítulo tratará da materialidade dessas críticas e de sua presentificação a partir do humor, passível de ser observado pelos indícios relacionados à biografia do poema, arquivados por Drummond durante toda uma vida.